

RESUMO

Na *Filosofia da Mitologia* (1957), Schelling fala-nos de segredos que “testemunharam” um passado histórico, mas que foram forçados a um enterramento e reduzidos a mistérios – para dar lugar à criação do mito –, apenas para voltar sob a forma do que é estranho, ainda que familiar, num termo que cunha de “unheimliche” (Vidler, 1992, p. 26-27). A partir do ensaio homónimo de Freud de 1919, o termo “estranho-familiar” associa-se aos conceitos psicanalíticos de repressão e repetição, mas retorna ao contexto do discurso da História quando Jacques Derrida nos apresenta o *Mal de Arquivo* em 1995. Pensado como uma desconstrução dos arquivos sobre o mal, o ensaio de Derrida perspetiva uma visão freudiana que conjuga os conceitos de história, verdade e poder com o de arquivo (Birman, 2008), suporte que regista e ordena hierarquicamente as várias “secreções” discursivas resultantes na História. Em concordância psicanalítica, reflete sobre a origem de arquivo – arkhé – palavra de dupla função que não só inclui o onde e quando começa o arquivo, como quem o comanda (Derrida, 1995, p. 11); e sobre a pulsão de morte extrapolada para pulsão de destruição histórica do arquivo, de apagamento de traços arquivais (p. 23-29). Derrida desconstrói a noção de arquivo para ler além do que é patente, encontrando o que é latente em traços de recalque e repressão, que atravessam o arquivo no discurso da história enquanto véus de spectralidade.

Do trauma das catástrofes da humanidade e enterramento resultaram “cicatrices”, das ruínas benjaminianas dos espectros dos vencidos que não se puderam fazer valer no discurso da história (Handelman, 1991, p.346), ou dos mistérios schellingianos soterrados (Schelling, 1966, vol.2, p. 649) pelo que a história decidiu destruir, oprimir, apagar ou esquecer compulsivamente. E através de uma “ação diferida” de perspetiva psicanalítica – de retorno após um período de latência – surgem não só estilhaços ou fragmentos arquivais como os espaços lacunares que os completam. Estes são elementos que se configuram, se montam, para «dar a conhecer apesar de tudo aquilo que é impossível ver inteiramente, aquilo que permanece inacessível como um todo.» (Didi-Huberman, 2012, p. 176)

O Arquivo Liminar é uma investigação em arte que propõe interrogar, em consonante prática artística, a materialização do spectral nos fragmentos arquivais do discurso histórico feito ruína, através da ação do estranho-familiar e do uso da ficção como meio (informado pela prática artística de Marcel Broodthaers) que procura capturar e configurar – montar – ao mesmo tempo, uma realidade e o que esta oculta (Krauss, 1999, p. 47). A sua prática baseia-se na formação de um arquivo pessoal feito de registos fílmicos pessoais, documentos, textos, objetos herdados por familiares e objetos originais ou produzidos a partir da montagem, recodificação ou remediação das materialidades anteriores, sobre as quais o artista constrói uma diegese que alia a investigação do tópico à potência spectral do arquivo no discurso da história.

Palavras-Chave:

Arquivo, Espectro, Enterramento, Estranho-Familiar, Ficção, Montagem